

Um Credor da Fazenda Nacional, de Qorpo Santo

Fonte:

LEÃO, José Joaquim de Campos (Qorpo Santo). "Um Credor da Fazenda Nacional". Teatro Completo, Guilhermino César (org). Rio de Janeiro : Serviço Nacional de Teatro/ Fundação Nacional de Arte, 1980. p. 137-145 (Clássicos do Teatro Brasileiro, 4).

Texto proveniente de:

Algo Sobre Vestibular e Concurso

Permitido o uso apenas para fins educacionais.

Qualquer dúvida entre em contato conosco pelo email falecom@algosobre.com.br

<http://www.algosobre.com.br>

Texto-base digitalizado por:

Selma Suely Teixeira - Curitiba/PR

Este material pode ser redistribuído livremente, desde que não seja alterado, e que as informações acima sejam mantidas.

UM CREDOR DA FAZENDA NACIONAL Qorpo-Santo

PERSONAGENS:

Credor

Porteiro

Um Major

Um Contínuo

Empregados da repartição

Outros credor

Leopoldino ,*Contador*

Chefe de secção

Sr. Barbosa

ATO PRIMEIRO

UM CREDOR – (*entrando em uma repartição pública; para o Porteiro*) – Está o Sr. Inspetor?

PORTEIRO – Está; mas não se lhe pode agora falar.

CREDOR – Por quê?

PORTEIRO – Está muito ocupado!

CREDOR – Em quê?

PORTEIRO – Tem gente aí com ele.

CREDOR – Quem é?

PORTEIRO – Um Major!

CREDOR – Demorar-se-á muito?

PORTEIRO – Ignoro.

CREDOR – Pois diga-lhe que lhe quero falar!

PORTEIRO – Não posso ir lá agora.

CREADOR – Quantas horas estarei eu aqui à espera que o Sr. Major saia para que eu entre!

(Passeia) .(O MAJOR, saindo e encontrando-se com o Credor.)

CREADOR *(para o MAJOR)* – Oh! O Sr. por aqui! Julgava-o quem sabe onde!

Disseram-

me que tinha ido para Rio Pardo há dias!

MAJOR – Tenho tido aqui numerosos afazeres, por isso não sei quando irei.

CREADOR – Fique certo que sinto o mais vivo prazer em vê-lo no gozo da mais perfeita saúde.

MAJOR – Onde é aqui a tesouraria?

CREADOR – Na Tesouraria estamos; mas o Tesoureiro está lá embaixo.

PORTEIRO – Lá, não; lá está o pagador!

CREADOR – Ah! Então é cá em cima; porém nos fundos; creio que na última sala.

MAJOR – Então para lá vou. *(Segue.)*

CREADOR – Agora entro eu. *(Dirigindo-se à repartição.)*

PORTEIRO – Está lá o Sr. Leopoldino Contador!

CREADOR – É célebre! Então vou à secção respectiva saber se foi informado o meu requerimento! *(Caminha, e entra.)*

PORTEIRO – Que diabo de homem este! Tem vindo mais de um cento de vezes à repartição... se há de...

CONTÍNUO – Faz ele muito bem [em] vir cá ! Deve-se lhe, por que não se lhe há de pagar?

CONTÍNUO – Homem; isso é verdade! Qual a razão por que esta repartição há de paliar

meses e anos!?

PORTEIRO – Custa a crer a retardação de pagamento ou a preguinha, segundo dizem alguns empregados!

CONTÍNUO – O caso é que ele tem procedido sempre com a maior prudência!

PORTEIRO – Isso é verdade. Mas quantos terão sofrido pela falta de cumprimento de deveres de alguns funcionários públicos?

CONTÍNUO – É verdade! Tem havido tantos males, que enumerá-los talvez fosse impossível.

PORTEIRO – Mas tu sabes o que os empregados querem? Talvez não saibas. Pois eu te

digo:

1º – Acabar com a Monarquia Constitucional e Representativa!

2º - Pôr termo às repartições públicas; isto é, acabarem com todas estas imposturas!

3º- Mudar a forma de governo para República.

4º- Fazerem uma liga entre todos que...

CONTÍNUO – *(pondo as mãos na cabeça e puxando as orelhas)* – Estás louco! Homem!

D'onde vieram-te esses pensamentos!?! Se não mudas de modo de pensar, vais parar à Caridade.

PORTEIRO – Ah! Tu não ouves! És surdo! Não vêes. Tens olhos e não enxergas!

Ouvidos, e não ouves! Só falas! Tu verás a revolução que em breve se há de operar! Olha; eu estou vendo o dia em que entra por aqui uma força armada; vai aos cofres, papéis. e rouba quanto neles se acha. Acende um facho, e lança fogo em tudo quanto é papéis.

CONTÍNUO – (*a correr*) – Ih! Ih! Ih! Parece que já estou ouvindo o tinir das espadas!
A

voz do canhão troar. Deus meu! Acudi-me! Ai! Que eu morro! (*Cai sentado.*) Ai!
Ai! Estou cansado! Fadigado! Quase... Meu Deus! Quantas mortes vos aprazera
ainda fazer!? Quando vos compadecereis de vossos entes ainda que maus!?
Quando se aplacará a vossa ira!? Quando se saciará a vossa vingança! Céus!
Que vejo! (*Como amparado com as mãos; pondo o corpo de lado; ao ouvir o
som da trovoada que em cima se faz.*) Ah!...

PORTEIRO - (*querendo acudi-lo*) – Não é nada, companheiro e amigo! São os
primeiros

preparativos para a estralada que logo mais terá de ver e ouvir. Tranqüiliza o teu
coração. Ainda não desceram raios, fogo, e tudo o mais que se há preparando
para grande revolução! Começará de cima; e descerá à terra, como a saraiva em
certos dias chuvosos. (*Ouve-se nova trovoada; relâmpagos.*)

CONTÍNUO – (*melhorando pouco; e levantado-se*)- Acho-me um pouco mais
animado?

Parece-me que isto não é comigo. Que dizes? Hem? (*batendo no ombro do
porteiro.*) Que diabo, pois eu nada fiz, o que devo temer!? Sou muito
pusilânime.

PORTEIRO – Tu sempre foste um poltrão. De tudo te assustas; de tudo tens medo!
Diabo!

(*Empurra-o*) Toma juízo! Deixa-te de...

CONTÍNUO – Ora, ora! E não entendo o que é ter juízo, pelo que vejo, e pelo que
ouço.

Vivo em minha casa. Trabalho incessantemente em proveito meu, e da minha
família. Não ofendo a pessoa alguma! Sucede-me isto! Dizei-me: - O que é ter
juízo?

PORTEIRO – Ter juízo é cometer... e... ai!ai! (*pondo as mãos no rosto*) que também
estou

ficando doente!

CREDOR (*voltando*) – Ainda hoje não recebo dinheiro! Prometeu-me um Empregado,
e a

mais um indivíduo que espera... Como de... (*Sai.*) Veremos se se pode receber
segunda-feira!

UM DOS EMPREGADOS – Por que razão não se há de pagar a este homem!?

OUTRO – Eu sei disso!?

CREDOR –(*voltando*) – Não tenho melhor resolução a tomar, que a de sentar-me em
uma das cadeiras desta repartição e nela esperar até que se me pague.

CERTO INDIVÍDUO – Então, por quê?

CREDOR - Ora, porque!? Porque não dou um passo que não encontre um ,que não
me peça o aluguel da casa. Outro, que não me peça... que não me fale!...

O INDIVÍDUO – Tudo isso é bom!

CREDOR – É ; é; para certos indivíduos; para mim é péssimo! Nunca gostei de ser
atacado em casa, quanto mais pelas ruas da cidade! Todos os que compelem a
honra, ou aos que desejam viver com seriedade, - a essas cenas, - deveriam em
minha opinião ficar condenados a idênticos; ou a outros procederes piores,
contrários à sua vontade, ou desejos.

O INDIVÍDUO (*com a mão querendo fazer uma cruz*) – Resquíe d’impacce! Resquíe
d’impassere; Amem! Amem! N’amem! N’amem! (*Saindo*). E vou m’embora

(*Sai*)

ATO SEGUNDO

Salão em que trabalham diversas secções

CREDOR (*entrando*) – É a vigésima... não me lembro se quinta ou sétima vez que venho

a esta casa haver aluguéis de casa! E talvez ainda hoje saia sem dinheiro! (*À parte:*) Mas eles hão de se arranjar! (*A um dos empregados, o Contador:*) Vossa Senhoria faz-me o obséquo de dizer se está despachando o conteúdo, ou quer que seja, quando a um requerimento que aqui tenho?

CONTADOR – Será... (*lendo*) Castro... Car... Cirilo, Dilermando!?

CREDOR – Não! É um requerimento meu, assinado – José Joaquim de Qampos Leão, Qorpo-Santo.

CONTADOR – Ah! Esse está no chefe da quarta secção.

CREDOR – Bem, então lá irei. (*Dirigindo-se ao chefe:*) Faz-me o obséquo de dizer se já

está despachado um requerimento que aqui tenho?

CHEFE (*apontado*) – Fale ali com o Sr. Barbosa.

CREDOR (*dirigindo-se a este*) – Ainda não encontrou o que procurava a meu respeito?

BARBOSA – Ainda não! Há aqui tantos papéis!

CREDOR – Ora, com efeito! Pois tanto custa ver um ofício da Presidência, ou ver o assentamento que em virtude desse ofício deve existir no livro competente? Isto é, no mesmo em que se acham debitados tais aluguéis!? (*Senta-se.*)

CHEFE – V. Exa. Não adianta nada em esperar aqui! Antes atrasa o serviço para conseguir

o que quer; deixe estar que está se trabalhando!

CREDOR – Eu, nem venho interromper, nem venho adiantar! Mas apenas saber! Parece-

me cousa tão simples; tão fácil...

BARBOSA – São três ofícios da Presidência que o Sr. Inspetor quer ver! Não é um só.

CREDOR – Srs., eu já sei o que hei de fazer, o que os Srs. querem! Voltarei em tempo! (*Ao sair, encontra-se com outro.*)

O OUTRO – Então, não!? (*Dá-lhe uma caixa de fósforos.*)

CREDOR – Estou doente; e assim fico todas as vezes que venho a esta casa, e dela saio sem dinheiro!

O OUTRO – Então fico eu pelo Sr.! (*O Credor sai; e o Outro entra.*)

O OUTRO – Muito custa esta casa pagar a quem deve! Faz-se uma dúzia de requerimentos

para se obter um despacho! Cada requerimento leva outra dúzia de informações!

O

despacho definitivo obtém-se por milagre! E a paga ou dinheiro que a alguém se deve – quase à força, ou pela força!

UM DOS EMPREGADOS – (*para esse Indivíduo*) – Com efeito! O Sr. é audaz de mais!

O OUTRO – Não! Não é por audácia! É apenas referir o que se passa... o que é

verídico!

EMPREGADO – Sim; mas nós não temos culpa!

O OUTRO- Nem eu inculpo a alguém! Mas receio, Srs., que os numerosos incômodos que

tenho sofrimento, pelo procedimento que esta repartição para comigo – vai tendo; os vexames; as faltas; as privações; e até as enfermidades que tem me causado e numerosos outros transtornos, farão de repente com que se espalhe fogo nestes papéis – e tudo se incendie (*Toca uma caixa de fósforos numa mesa; esta incendeia-se; ele a atira para as mesas de um dos lados; faz o mesmo à outra, e atira para outro lado; enquanto os empregados trabalham para apagar o fogo em alguns papéis que começam a incendiar-se, ele sai.*)

(Já se vê que há descompostura; repreensões; atropelamento, carreiras em busca d' água; ligeireza para se-apagar; aparecimento de alguns outros empregados, ao ouvirem o grito de fogo, etc.

Pode acabar assim; ou com a cena da entrada do Inspector, repreendendo a todos pelo mal que cumprem seus deveres; e terminando por atirarem com livros e penas; atirações e descomposturas etc.)

Por

José Joaquim de Campos Leão Qorpo-Santo.

Em Porto Alegre, de 26 a 27 de Maio de 1866.